

# Mar Salgado: Fernando Pessoa perante uma acusação de plágio

José Barreto\*

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, *Mar Português*, Plágio, António Correia de Oliveira, *Mensagem*, Salazar, Tomás Ribeiro Colaço.

## Resumo

Partindo da análise de um pequeno poema de Fernando Pessoa revelado em 2000, no qual o escritor reage a uma acusação de plágio relacionada com alguns versos do seu famoso poema *Mar Português*, este artigo situa cronologicamente o caso, revela a origem dessa acusação e enquadra historicamente o episódio, sublinhando o simbolismo político de que se revestiu. Pessoa foi acusado em Março de 1935 por um correspondente do semanário literário *Fradique* de se ter apropriado de expressões de uma velha quadra de António Correia de Oliveira, que nos anos 30 se estava a consagrar como o poeta oficial do regime de Salazar. Isso aconteceu no seguimento da inesperada ruptura pública de Pessoa com o Estado Novo, que ocorreu apenas um mês depois de o livro *Mensagem*, integrando o poema *Mar Português*, ter recebido um prémio governamental. O caso da acusação de plágio opôs assim não só dois poetas destacados como também duas atitudes muito diferentes em relação ao regime de Salazar.

## Keywords

Fernando Pessoa, *Mar Português*, Plagiarism, António Correia de Oliveira, *Mensagem*, Salazar, Tomás Ribeiro Colaço.

## Abstract

Setting out from the analysis of a little poem by Fernando Pessoa revealed in 2000, in which the writer responds to an accusation of plagiarism related to some verses of his famous poem *Mar Português*, this paper gives the chronology of the case, reveals the origin of the accusation, and draws the historical background of the episode, stressing its political symbolism. Pessoa had been accused in March 1935 by a correspondent of the weekly literary newspaper *Fradique* of having appropriated some expressions of an old quatrain from António Correia de Oliveira, who in the middle 1930s was establishing himself as the official poet of the Salazar regime. This happened in the wake of Pessoa's unexpected public clash with the regime, just one month after he had received a government award for his book *Mensagem* integrating the poem *Mar Português*. Thus the case of the plagiarism accusation opposed not only two prominent poets but also two very different attitudes towards the Salazar regime.

---

\* Instituto de Ciências Sociais — Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Fernando Pessoa ter-se-á inspirado num poema de António Correia de Oliveira para escrever dois versos do poema *Mar Português*. O assunto já foi abordado por vários estudiosos, como Arnaldo Saraiva e J. C. Cruz Pontes.<sup>1</sup> De há muito conhecido é o facto de Pessoa ter apontado em 1914, numa nota para Armando Côrtes-Rodrigues, a influência de Correia de Oliveira, que situou em 1908-1909, na sua formação poética, juntamente com outros poetas portugueses e estrangeiros.<sup>2</sup> Pessoa conheceu e teve vários contactos com o nove anos mais velho António Correia de Oliveira (1879-1960), embora em 1912 este tivesse deixado Lisboa e ido viver para a sua quinta de Belinho, perto de Esposende. Foi sobretudo com o seu irmão, o também escritor João Correia de Oliveira, que Pessoa mais se deu, como o atestam páginas do diário de 1913 e outros trechos.

Mais recentemente foi divulgado um poema de Fernando Pessoa relacionado com uma acusação de plágio de que foi alvo por causa dos ditos versos. A estrofe inédita, procedente de um caderno usado pelo escritor em 1935,<sup>3</sup> foi publicada em *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935* (Pessoa, 2000: 244), por Luís Prista, de quem se transcreve:

Eu falei no “mar salgado”,  
Disseram que era plagiado  
Do Corrêa de Oliveira.  
Ora, plagiei-o do mar.  
Eu sou tal qual Portugal  
Faz-me sempre mal o sal  
E ando sobretudo com azar.

Na imagem abaixo reproduz-se a página do caderno com o original do poema antecedido de dois outros textos.

---

<sup>1</sup> Arnaldo Saraiva, em várias obras, fez alusão á possível influência colhida por Pessoa na quadra de Correia de Oliveira, nomeadamente na crónica “As ‘ondas do mar salgado’ e as ondas da poesia”, publicada no *Jornal de Notícias* de 27 de Dezembro de 1986, p. 36, a que adiante voltaremos. J. M. da Cruz Pontes (1984: 9), opina que nos primeiros versos do *Mar Português* Pessoa “parafraseia” a quadra de Correia de Oliveira.

<sup>2</sup> Nota publicada em *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues*, 2.<sup>a</sup> ed. (1959: 76-77).

<sup>3</sup> BNP/E3, 144F-9v.

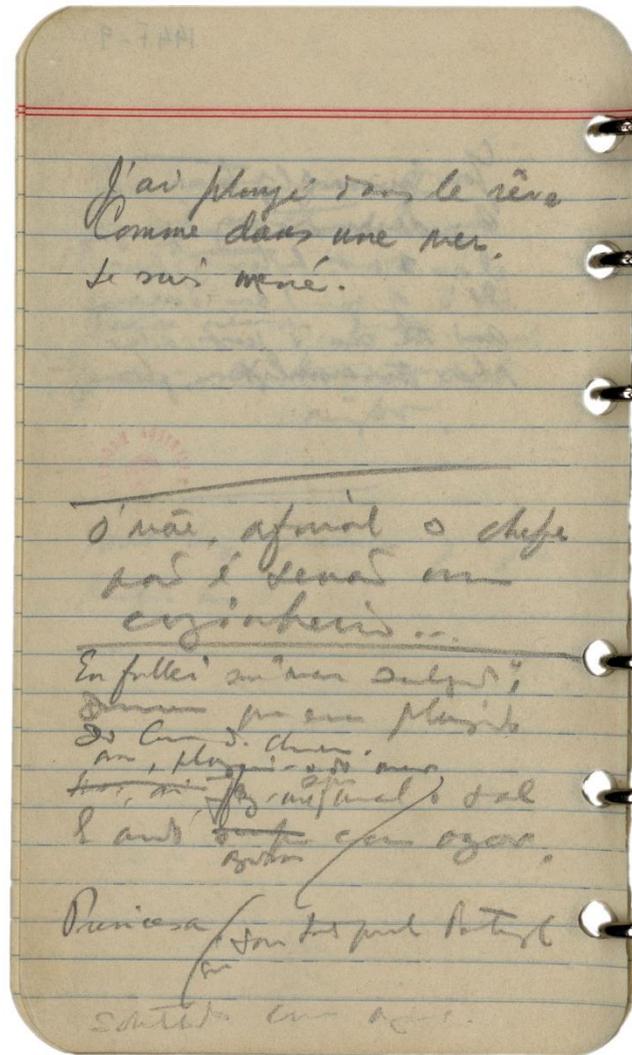


Fig. 1. BNP/E3, 144F-9<sup>v</sup>. Manuscrito do poema, antecedido de dois outros textos.

Com toda a probabilidade, Pessoa reage neste poema a uma carta de um correspondente que se qualifica como “anónimo” e assina José Elísio da Fonseca, publicada no semanário *Fradique* de 14 de Março de 1935, p. 8., sob o título “O Mar Salgado”. O autor da carta aponta dois versos que tinham sido citados por um colaborador no penúltimo número do *Fradique* como sendo de Fernando Pessoa (“Ó mar salgado, quanto do teu sal | São lágrimas de Portugal!”) e afirma julgar que essa atribuição de autoria é fruto de um engano. O correspondente, que diz não conhecer o livro de Fernando Pessoa (*Mensagem*, publicado meses antes), pensa que os versos citados pelo jornal teriam sofrido uma deturpação “por erro de memória” e contrapõe-lhes uma quadra de António Correia de Oliveira, muitos anos antes publicada num livro deste poeta. Afirmando não se recordar do título do livro em causa, o correspondente cita a quadra de Correia de Oliveira, segundo diz, de memória: “Ó ondas do mar-salgado, | De onde vos vem tanto sal? | – Das

ondas que não chorado | Em praias de Portugal.” O autor da carta pretende que se dê “o seu a seu dono”, apelando ao “respeito pela propriedade intelectual”. A redacção do *Fradique*, comentando a carta, exime-se de responsabilidades no caso, declara que os versos citados no jornal “figuram no livro de Fernando Pessoa”, acrescentando que a semelhança constatável entre os dois poemas em causa se trataria de “um encontro de Fernando Pessoa com o grande poeta do *Elogio dos Sentidos*”. A redacção do *Fradique* (talvez o próprio director, Tomás Ribeiro Colaço) declara também não conhecer o signatário da carta, deixando-nos assim a possibilidade de conjecturar. Seria o signatário José Elísio da Fonseca uma pessoa real ou alguém que vestiu a pele de um correspondente “anónimo” para fazer valer os supostos direitos de autor de António Correia de Oliveira – eventualmente ele próprio? Provavelmente nunca se saberá, mas o correspondente parece ter-se esmerado em persuadir os leitores de que não se tratava do próprio Correia de Oliveira sob um nome falso, pela maneira como citou a sua quadra “de memória” (com discrepâncias) e disse não lembrar-se do título do livro em que ela tinha sido publicada.

A quadra de Correia de Oliveira foi publicada no livro *Cantigas* (Lisboa: Férin, 1902) e a sua transcrição fiel deveria ser, em lugar daquela que o correspondente deu no *Fradique*, a seguinte: “Ó ondas do mar salgado, | D’onde vos vem tanto sal? | Vem das lágrimas choradas | Nas praias de Portugal.” Interessantemente, Arnaldo Saraiva, na crónica atrás citada, revela que esta mesma quadra figura na obra do poeta Afonso Duarte *Um Esquema do Cancioneiro Popular* (Lisboa: Seara Nova, 1948, p. 17), onde o autor afirma tê-la recolhido em Beduíno, Estarreja. Como a data da obra de Afonso Duarte é muito posterior ao livro *Cantigas*, de Correia de Oliveira, não se pode concluir que a quadra seja de origem popular. E Arnaldo Saraiva informa ainda que o brasileiro Afrânio Peixoto, no livro *Trovas Populares Brasileiras* (Lisboa, 1908, p. 24), transcreve a mesma quadra sem nomear o autor, chamando-lhe “quadrinha que merecia ser popular”. Se “merecia ser”, era porque o não seria... Os dois versos de Fernando Pessoa – inspirados numa quadra popular ou, mais provavelmente, na quadra inserta no livro de 1902 de Correia de Oliveira ou no livro de Afrânio Peixoto de 1908 – eram o dístico de abertura de *Mar Português*, publicado pela primeira vez na *Contemporânea* n.º 4, de Outubro de 1922, p. 13, republicado no jornal *Revolução* de 16 de Junho de 1933 e posteriormente integrado no livro *Mensagem*, de 1934. No aparato crítico de *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935* (*op. cit.*, p. 497), Luís Prista diz não ter conseguido situar cronologicamente o episódio da acusação de plágio de que o poema de Pessoa dá testemunho.

Na imagem seguinte, obtida do exemplar do jornal conservado no espólio de Fernando Pessoa, reproduz-se a carta do correspondente conforme publicada no *Fradique* de 14 de Março de 1935, seguida da referida nota da redacção.

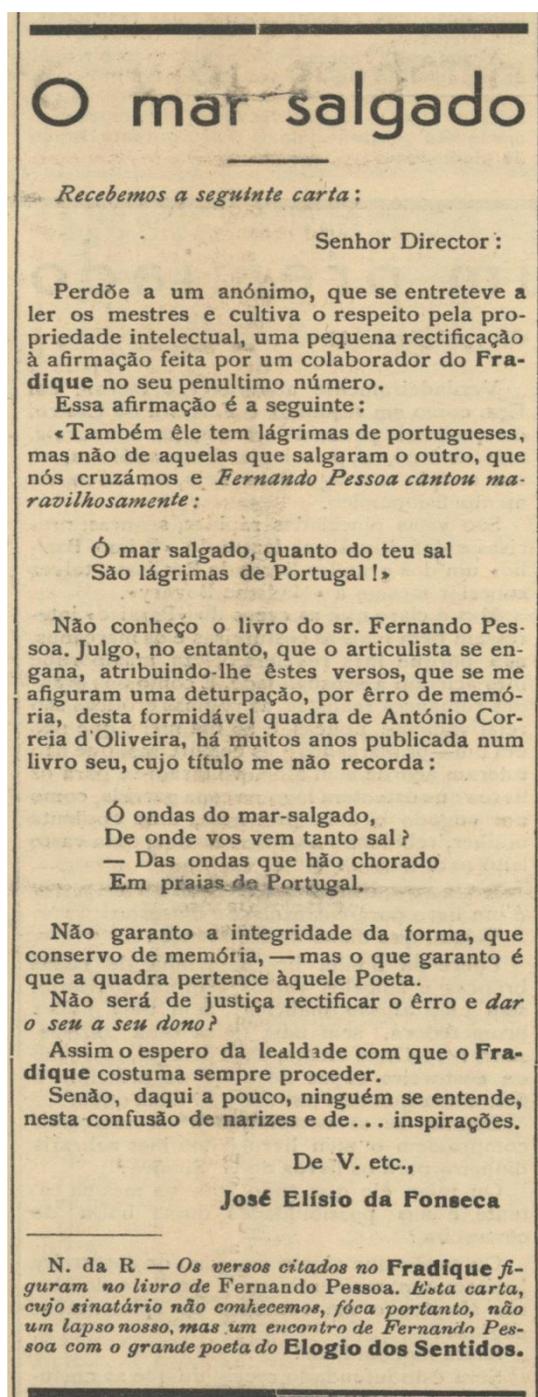


Fig. 2. BNP/E3, 135C-81b<sup>v</sup> (pormenor).  
"O mar salgado", *Fradique*, 14 de Março de 1935, p. 8.

O poema que Pessoa escreveu plausivelmente em reacção a esta carta não está datado no caderno do escritor, mas, devido a essa circunstância muito plausível, poderá situar-se com bastante probabilidade em meados de Março de 1935 ou dias seguintes.

Outra questão relacionada com o poema-resposta de Pessoa tem a ver com a referência algo críptica dos seus três últimos versos: "Eu sou tal qual Portugal |

Faz-me sempre mal o sal | E ando sobretudo com azar.” Como entender esses versos no contexto da reacção à acusação de plágio? Sabemos, por outro lado, que no conhecido “tríptico” de poemas satíricos de Fernando Pessoa sobre Salazar, de que os dois primeiros estão datados pelo autor de 29 de Março de 1935, o segundo poema utiliza a dupla sal e azar para aludir, desta vez expressamente, a Salazar:

Este senhor Salazar  
É feito de sal e azar.  
Se um dia chove,  
A agua dissolve  
O sal,  
E sob o céu  
Fica só o azar, é natural.

Oh, c’os diabos!  
Parece que já choveu...<sup>4</sup>

Sem que seja possível estabelecer qual dos dois poemas foi escrito primeiro, se o poema-resposta à acusação de plágio, se o segundo poema do “tríptico”, resta que os dois poemas são do mesmo período e que a referência a sal e azar no primeiro resulta perfeitamente clara com a identificação expressa do visado no segundo.

Mas uma questão persiste: a que propósito ou com que intenção aludiria Pessoa a Salazar no poema em que reagia a uma acusação de plágio? Uma hipótese é que Pessoa tenha pretendido sugerir que a denúncia de plágio divulgada no *Fradique* tinha uma motivação política, na sequência do seu artigo “Associações Secretas”, publicado no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro desse ano, que causou sensação pela sua defesa da Maçonaria e desencadeou reacções escandalizadas nos arraiais dos apoiantes do regime de Salazar. Após ter recebido instruções de Salazar, o director da censura tinha ordenado que se abafasse a polémica e não se fizessem mais referências ao artigo de Fernando Pessoa.<sup>5</sup> O próprio *Diário da Manhã*, órgão da União Nacional, tinha publicado um ataque chocante a Fernando Pessoa na sua primeira página, em 5 de Fevereiro.<sup>6</sup>

Outra hipótese, menos vaga, é que Pessoa tenha suspeitado que o autor da carta ao *Fradique* era o próprio António Correia de Oliveira, ou alguém por ele. Correia de Oliveira desempenhava já então o papel de poeta oficial do regime. Na sessão plenária de encerramento do I Congresso da União Nacional, em 28 de Maio de 1934, Correia de Oliveira, que era o presidente da 3.<sup>a</sup> secção do congresso, tinha

<sup>4</sup> BNP/E3, 63-7<sup>r</sup> (manuscrito datado dos dois primeiros poemas) e 92U-31<sup>r</sup> e 32<sup>r</sup> (dactiloscritos com os três poemas, não datados).

<sup>5</sup> Veja-se a directiva da censura, com data de 8 de Fevereiro de 1935, reproduzida em *Fotobiografias século XX – Fernando Pessoa* (2008: 164).

<sup>6</sup> Ver o postfácio a Fernando Pessoa, *Associações Secretas e outros escritos* (2011: 253-254).

recitado o seu poema *Patria Nostra*, que viria a ser publicado pelo Secretariado da Propaganda Nacional em 1935. À cabeça do livrinho Correia de Oliveira inscreveu a seguinte declaração: “O manuscrito original deste poemeto foi oferecido pelo autor ao Senhor Doutor António de Oliveira Salazar” (Oliveira, 1935: 5). O poema fazia várias referências laudatórias ao chefe do Estado Novo, o “sereno escultor” da raça lusitana:

Senhor!  
 Bendito sejas tu, porque nos deste  
 (Depois da injúria e mal que recebeste...)  
 O Sereno Escultor  
 Que modelando vai na brônzea raça  
 E pedra lusitana  
 A Imagem de Hoje em que se espelha a antiga  
 Mas toda se refaz, adestra e obriga  
 Aos novos fastos da calenda humana.

(Oliveira, 1935: 14)

Obedecei.  
 Um Chefe? tem de havê-lo!  
 O Chefe que nos ame e nos comande,  
 Ao ser – e ele é! – virtuosamente belo,  
 Espiritual, portuguesmente grande.

(Oliveira, 1935: 79)

Em 1938 Correia de Oliveira publicaria o *Auto das Oferendas*, que foi declamado diante de Salazar, a quem era dedicado (*apud* Viana, 1977: 19).

\*

Uma última observação em torno do poema-resposta de Fernando Pessoa. Na página do caderno em que o poema foi escrito, pode ler-se imediatamente antes, separado apenas por um traço, o seguinte texto:

Ó mãe, afinal o chefe não é senão um cozinheiro...

Esta frase sarcástica joga com a ambiguidade do termo *chefe* que, podendo significar um cozinheiro, um chefe de cozinha, também era usado na época – incluindo, como vimos, por Correia de Oliveira – para designar o ditador Salazar.

\*

Não sabemos como encarou Pessoa o facto de o *Fradique* ter aberto as suas colunas à acusação de plágio e de, em nota da redacção, ter classificado o caso como “um encontro de Fernando Pessoa com o grande poeta do *Elogio dos*

*Sentidos*". Fernando Pessoa e Tomás Ribeiro Colaço trocaram alguma correspondência em 1934 e 1935. Pessoa tinha colaborado no segundo número do *Fradique* (15 de Fevereiro de 1934) com o texto "O homem de Porlock", a respeito do qual existem duas cartas de Pessoa para Colaço.<sup>7</sup> Numa carta posterior, que possivelmente se quedou como rascunho inacabado, Pessoa discordava de um artigo de Colaço sobre a poesia de António Botto<sup>8</sup> (artigo que ocasionou, aliás, uma longa polémica que opôs José Régio ao director do *Fradique* nas páginas do semanário entre Agosto de 1934 e Fevereiro de 1935). Na sequência da publicação de "O homem de Porlock", texto que Colaço elogiou, mas considerou situar-se no limite de "dificuldade" para um jornal como o seu, o director do *Fradique* pediu mais colaboração a Pessoa, mas este, confessando-se desabitado de escrever com simplicidade, depois de prometer mais artigos, nunca cumpriu a promessa. Em 1935 o *Fradique* falou repetidas vezes de Pessoa, sobretudo a propósito dos prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional, em que *Mensagem* foi contemplada, e do já aqui referido artigo "Associações Secretas". Tomás Ribeiro Colaço, em particular, tomou posição contrária ao artigo de Pessoa em defesa da Maçonaria, com um artigo subtulado "Carta aberta a Fernando Pessoa" (Colaço, 1935), e meses depois, a 6 de Junho, publicou no seu semanário uma severa crítica da *Mensagem* (Colaço, 1935a). Sobre ambas as críticas, tal como sobre a carta do correspondente que o acusava de plágio, Pessoa manteve-se longos meses num silêncio absoluto. Enfim, numa conhecida carta datada de 10 de Outubro de 1935, Pessoa pedia desculpa a Colaço por há muito não lhe escrever, falta de que se penitenciava, atribuindo-a ao seu corte de relações com "a mais elementar decência social". Abordava nessa carta vários temas de possível melindre, como as críticas que Colaço entretanto fizera no *Fradique* ao artigo "Associações Secretas" e ao livro *Mensagem*. Pessoa declarava não ter percebido nem o teor nem a razão de ser da primeira crítica e elogiava o profissionalismo crítico e jornalístico (mas não o conteúdo) da segunda. Não tocava, porém, no assunto "mar salgado", que o *Fradique* divulgara entre as duas críticas, a 14 de Março. Pessoa afirmava não estar zangado com as críticas de Colaço e novamente prometia colaboração para o *Fradique*, jornal que elogiava por ser a "única publicação jornalística literária que temos" e pelo modo como tinha aberto as portas à polémica sobre o artigo "Associações Secretas".<sup>9</sup> Sabemos, porém, que Pessoa detestou a crítica que Colaço fizera ao seu artigo sobre a Maçonaria e também não gostou da crítica à *Mensagem*. Em notas que escreveu a propósito da primeira, classificou Colaço como um

---

<sup>7</sup> Cartas de Fernando Pessoa a Tomás Ribeiro Colaço de 8 e 15 de Fevereiro de 1934, em Fernando Pessoa, *Correspondência* (1999: II, 324-326).

<sup>8</sup> Carta de Fernando Pessoa a Tomás Ribeiro Colaço, sem data, em *Correspondência* (1999: II, 333-334).

<sup>9</sup> Carta de Fernando Pessoa a Tomás Ribeiro Colaço de 10 de Outubro de 1935, publicada após a morte de Pessoa no *Fradique* n.º 97, de 12 de Dezembro de 1935, e republicada em Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966: 80-83).

homem “de vaidade patológica”, invejoso, “reaccionário a fingir”, “inteligente às manchas” e entendido “na arte de falar do que não percebe” (Pessoa, 2011: 98-102). Pessoa falava da inveja de Colaço em relação com o impacto junto do grande público que o artigo “Associações Secretas” alcançara, algo que o director do *Fradique*, embora esforçando-se muito, nunca teria conseguido. A respeito da crítica à *Mensagem*, em que Colaço acusava o autor de ser inteligente em excesso, frio e ininteligível, Pessoa pouco deixou escrito, mas esse pouco é revelador do seu desagrado e perplexidade (Pessoa, 2011: 99-100). É tentador conjecturar que Pessoa também sentiria que Colaço lhe invejava o prémio da *Mensagem*.

O facto de o assunto “mar salgado” não ter sido abordado na última carta de Pessoa para Tomás Ribeiro Colaço é susceptível de diversas interpretações. Como Pessoa não reagiu publicamente à acusação de plágio, para o que obviamente poderia ter utilizado as páginas do *Fradique*, é possível que não lhe tenha desagradado a nota da redacção que acompanhava a transcrição da carta acusadora, dando-se por satisfeito com o teor dessa nota e decidindo dar o assunto por encerrado. Em todo o caso, Colaço – que considerava Pessoa um poeta demasiado inteligente e hermético – era consabidamente um grande admirador de Correia de Oliveira (ver Colaço, 1934). Ora esta circunstância pode ter suscitado em Pessoa alguma suspeição sobre o possível papel de Colaço na origem da carta do correspondente. Se suspeitou do “vaidoso” e “invejoso” Colaço, não o deixou transparecer naquela carta, a que deu um tom conciliador.

\*

Concluindo, Pessoa interpretou aparentemente o episódio da acusação de plágio como um ataque político, eventualmente movido por um apoiante do regime de Salazar descontente com a posição que no mês anterior ele tinha tomado contra a lei que extinguiu a Maçonaria, inimiga número um do regime. No episódio “mar salgado” encontraram-se frente a frente dois poetas, mas não dois poetas quaisquer, disputando simplesmente a autoria de uma imagem poética. De um lado estava Fernando Pessoa, o poeta em ruptura pública com o Estado Novo, recém-galardoado pela *Mensagem*, mas desde então caído em desgraça aos olhos do governo; do outro lado, o tradicionalista e fervoroso salazarista António Correia de Oliveira, já com estatuto de poeta oficial do regime. À luz do simbolismo político de que esta história se reveste, os poemas satíricos que Pessoa então escreveu contra Salazar poderão também ser lidos como um contraponto mordaz à apologia do ditador por Correia de Oliveira.

## Bibliografia

- COLAÇO, Tomás Ribeiro (1935). "O elogio da Maçonaria. Carta aberta a Fernando Pessoa", in *Fradique*, n.º 54, 14 de Fevereiro, p. 1.
- \_\_\_\_ (1935a). "Mensagem – de Fernando Pessoa" (secção "Anotações Literárias"), in *Fradique*, n.º 70, 6 de Junho, p. 5.
- \_\_\_\_ (1934). "O colégio de Belinho", in *Fradique*, n.º 32, 4 de Outubro, p. 1.
- DUARTE, Afonso (1948). *Um Esquema do Cancioneiro Popular*. Lisboa: Seara Nova.
- PESSOA, Fernando (2011). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição e posfácio de José Barreto. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_ (2000). *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I, t. 5.
- \_\_\_\_ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio e Alvim.
- \_\_\_\_ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Edição de Jacinto Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_ (1959). *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues*. Prefácio de Joel Serrão. 2.ª ed. Lisboa: Inquérito (1.ª ed. Lisboa: Confluência, [1945]).
- \_\_\_\_ (1935). "Uma carta inédita de Fernando Pessoa". Carta a Tomás Ribeiro Colaço, de 10 de Outubro de 1935, in *Fradique*, n.º 97, 12 de Dezembro, p. 1.
- OLIVEIRA, António Correia (1938). *Auto das Oferendas*. S.l.: s.n. [Viana do Castelo: Tip. Gutenberg].
- \_\_\_\_ (1935). *Patria Nostra: discurso em verso, pronunciado pelo autor, presidente da 3.ª secção do Congresso da União Nacional, na sessão plenária de 28 de Maio de 1934*. Lisboa: SPN.
- PEIXOTO, Afrânio (1908). *Trovas Populares Brasileiras*. Lisboa: s.n.
- PONTES, J. M. da Cruz (1984). "Dizeres do Povo de Corrêa d'Oliveira e uma carta inédita de Fernando Pessoa", in *Prelo*, n.º 5, Outubro/Dezembro, pp. 7-18.
- SARAIVA, Arnaldo (1986). "As 'ondas do mar salgado' e as ondas da poesia", in *Jornal de Notícias*, 27 de Dezembro, p. 36.
- VIANA, Maria Manuela Couto (1977). "Encontro com Salazar", in *A Rua*, n.º 56, 28 de Abril, pág. 19.
- ZENITH, Richard (2008). *Fotobiografias século XX – Fernando Pessoa*. S. l.: Círculo de Leitores.